



pelos mares da
língua
portuguesa 3

EDS.
ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
CARLOS MORAIS
MARIA FERNANDA BRASETE
ROSA LÍDIA COIMBRA





pelos mares da
língua
portuguesa 3

EDS.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

CARLOS MORAIS

MARIA FERNANDA BRASETE

ROSA LÍDIA COIMBRA



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Pelos mares da língua portuguesa 3

EDITORES

António Manuel Ferreira

Carlos Morais

Maria Fernanda Brasete

Rosa Lídia Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Clássica

CAPA

Capa desenhada a partir de imagem criada por Álvaro Sousa

PAGINAÇÃO

Clássica Artes Gráficas · Porto

EDIÇÃO

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

EDIÇÃO

1ª edição – setembro 2017

ISBN

978-972-789-514-4

APOIOS



Exportação lexical do português para o cingalês do século XVI: processos de nativização fonológica

JOÃO VELOSO

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

1. Considerações preliminares

O estudo dos *empréstimos lexicais* – palavras e radicais que migram do léxico de uma língua para o de outra, processo que é geralmente apresentado como um dos principais mecanismos de *inovação lexical* (cf., entre outros: Correia & Lemos, 2005; Haspelmath, 2009) – ergue-se, nas diversas subdisciplinas da linguística ou noutras áreas do conhecimento, como um campo de observação cujo interesse científico se justifica perante diversos fatores e motivações:

- sociolinguisticamente, fornece-nos informação relevante sobre o contacto de línguas;
- histórica e antropologicamente, constitui um contributo relevante para a compreensão das trocas culturais, científicas, tecnológicas e económicas que tiveram (ou têm) lugar em determinado contexto civilizacional;
- linguisticamente, a um nível eminentemente teórico ou descritivo, permite-nos um conhecimento mais desenvolvido da construção, organização e expansão do léxico da língua exportadora e, sobretudo, da língua importadora.

Neste trabalho, interessar-nos-ão as conclusões que, para a descrição *fonológica* da língua, podem ser retiradas do estudo dos fenómenos de importação lexical. Conforme explicaremos em maior detalhe mais adiante, as reformatações fonológicas a que as palavras são sujeitas ao serem incorporadas na língua de

chegada obedecem de forma muito regular – e esclarecedora acerca da fonologia dessa língua – às restrições fonológicas da língua importadora.

Será, portanto, nesta perspectiva mais estrita que nos interessará, no presente estudo, a observação de um conjunto muito limitado de dados relativos à importação de palavras do português quinhentista para o cingalês do século XVI, em resultado dos contactos comerciais e políticos entre Portugal e o Ceilão proporcionados pela chamada Expansão Portuguesa.

No texto, começaremos por algumas observações de carácter mais teórico acerca da importância fonológica dos empréstimos lexicais (secção 2). Na secção 3, partindo da obra de Disanayaka (2012), apresentaremos e analisaremos um pequeno inventário de empréstimos lexicais tomados do português quinhentista pelo cingalês do século XVI e ainda conservados no cingalês contemporâneo. A secção 4 será reservada a um pequeno conjunto de observações finais.

2. O interesse fonológico dos empréstimos lexicais

Nesta secção, trataremos do interesse que tem, para a teoria e para a descrição fonológicas, a observação dos empréstimos lexicais. Trata-se de um interesse que, em fonologia, ultrapassa o mero levantamento lexicográfico. Nesta disciplina específica da linguística, a observação das regularidades e sistematicidades das alterações impostas à forma fonético-fonológica das palavras importadas de uma língua de partida (“exportadora”) para uma língua de chegada (“importadora”) permite extrair conclusões consolidadas acerca das principais regras e restrições fonológicas sobre que se constrói a fonologia da língua de chegada. Em alguns paradigmas teóricos, como a Teoria da Otimidade (doravante “TO”; desenvolvida a partir de trabalhos como Prince & Smolensky (2004) e outros anteriores dos mesmos autores), a análise dos processos de adaptação fonológica dos empréstimos lexicais constitui mesmo uma metodologia para a procura de respostas para a seguinte questão: se os recursos cognitivos e as estruturas anatómicas (fonatórias e auditivas) de todos os falantes de todas as línguas do mundo são exatamente os mesmos, sendo largamente invariáveis de cultura para cultura, como explicar que cadeias fonéticas equivalentes a “palavras”, ao serem exportadas para línguas diferentes, em geral obedecem de forma sistemática e previsível a transformações muito regulares nessas línguas de chegada? A resposta, à luz dos pressupostos da teoria fonológica, só pode ser encontrada no “poder” detido pelo subconjunto das regras gramaticais correspondente à fonologia da língua, concebida como um sistema organizado de restrições e princípios suficientemente forte para funcionar como um molde **obrigatório** para todas as novas palavras que dão entrada na língua. Assim, os

processos que regem a *adaptação fonológica de empréstimos* – também designados como processos de *nativização*, *acomodação* ou *assimilação* (cf., p. ex.: Calabrese & Wetzels, 2009, *passim*; Haspelmath, 2009, p. 42) – adquirem, junto de certos autores e programas de investigação em fonologia (assim como em áreas como a fonética e a psicolinguística), uma importância particular que os transforma mesmo num tema de estudo bem delimitado e bem desenvolvido (cf., p. ex.: Paradis & La Charité, 1997; 2008; 2011; Cohn, 2001; Peperkamp & Dupoux, 2003; Vendelin & Peperkamp, 2004; LaCharité & Paradis, 2005; Peperkamp, 2005; Calabrese & Wetzels, Eds., 2009; Kang, 2011).

Resumiremos e exemplificaremos, nos parágrafos seguintes, alguns dos principais argumentos que têm encontrado acolhimento junto das investigações neste domínio de pesquisa, dando corpo a um conjunto de pressupostos de partida muito elementares para os estudos desenvolvidos dentro deste veio temático.

O principal desses pontos de partida teóricos, de que erradicam os restantes, postula que cada língua possui uma fonologia que obedece a um conjunto de restrições obrigatoriamente respeitadas por todas as palavras nativas do respetivo léxico. Tais restrições contemplam aspetos relativamente simples, como o inventário de segmentos, mas vão-se complexificando até chegarmos a aspetos muito abstratos da organização gramatical.

Assim, a análise da evolução de um mesmo “*input*” em diversas línguas, dando origem a formas fonético-fonológicas diferentes, é um bom teste à identificação das restrições que operam diferentemente em cada língua: em modelos como a já mencionada TO, as restrições fonológicas são as mesmas em todas as línguas, sendo porém hierarquizadas de forma particular em cada língua (Archangeli, 1997; Prince & Smolensky, 2004; Costa, 2001). Uma dada gramática particular (ou seja, *uma língua*) é, assim, uma hierarquização parametrizada das restrições universais e cada estágio de língua é também a hierarquização de tais restrições num dado momento fixo da sua diacronia.

Não sendo nosso objetivo intrínseco aprofundar aqui a apresentação dos princípios elementares da TO ou de qualquer outro quadro teórico, ilustraremos apenas, com base num pequeno conjunto de exemplos e porque isso será útil na secção seguinte do texto, a forma como em fonologia é comum olhar-se para os empréstimos lexicais como um dos meios para se aceder à descrição dos mecanismos profundos da fonologia de uma língua (mais concretamente, para a formulação e testagem de hipóteses acerca do ordenamento e hierarquização das restrições fonológicas operantes em cada língua). Os exemplos de que nos serviremos são recolhidos do texto de introdução à fonologia de Cohn (2001) e serão comentados de seguida.

Começaremos com os casos de (1), onde se reúnem alguns exemplos de palavras do inglês exportadas para o japonês (Cohn, 2001, p. 193).

(1) Empréstimos lexicais do inglês para o japonês: exemplos de nativização fonológica (I) (adaptado de Cohn, 2001, p. 193)

Palavra original do inglês	Forma fonética original em inglês	Forma fonética adotada em japonês
<i>pin</i> 'alfinete'	[pɪn]	[pin]
<i>pie</i> 'tarte'	[paɪ]	[paj]
<i>Chicago</i> 'Chicago'	[ʃɪkago]	[ʃikago]
<i>million</i> 'milhão'	[mɪljən]	[mirion]
<i>avocado</i> 'abacate'	[avəkado]	[abokado]
<i>rally</i> 'rali'	[ræli]	[rarii]

Ao observar estes exemplos, um fonólogo conclui, p. ex., que o inventário fonológico do japonês não inclui um segmento como /l/ (nem, aparentemente, nenhuma outra lateral): nas palavras importadas em que, na língua exportadora, se encontra uma lateral, esta parece ser sistematicamente substituída por uma vibrante (como sucede em adaptações como {*million*: [mɪljən] > [mirion]} e {*rally*: [ræli] > [rarii]}¹ – vd. (1)), o que encontra plausibilidade à luz da teoria e da tipologia fonológicas².

Um segundo conjunto de exemplos que motivaria uma análise semelhante é o que encontramos em (2), também recolhido de Cohn (2001).

¹ Nas transcrições aqui apresentadas, e ao longo de todo o texto, sublinhamos os símbolos ou sequências de símbolos das transcrições gráficas ou fonéticas dos exemplos que ilustram o aspeto particular que está a ser especificamente apresentado ou debatido.

² Entre os argumentos que conferem plausibilidade a esta conclusão, podemos sublinhar, sumariamente e entre muitos outros, os seguintes, a título de exemplo: (i) /l/ e /r/ são segmentos “irmãos” dentro de classes tradicionalmente designadas, nas terminologias gramaticográficas de muitas línguas, como “soantes líquidas”; (ii) laterais e vibrantes têm, do ponto de vista acústico, uma componente harmónica muito saliente; (iii) em muitas línguas (como o próprio japonês e outras línguas asiáticas) são intermutáveis alofonicamente.

(2) Empréstimos lexicais do inglês para o japonês: exemplos de nativização fonológica (II) (adaptado de Cohn, 2001, p. 194)

Palavra original do inglês	Forma fonética original em inglês	Forma fonética adotada em japonês
<i>free</i> 'grátis'	[fɹi]	[fUrii]
<i>spray</i> 'spray'	[sprɛ]	[sUpUree]
<i>speed</i> 'velocidade, energia'	[spid]	[sUpiidO]
<i>street</i> 'rua'	[strɪt]	[sUtOriitO]
<i>peak</i> 'pico'	[pik]	[piikU]

A observação destes exemplos permitir-nos-ia adicionar às generalizações formuladas a partir dos exemplos de (1) (vd. supra) outras conclusões, como as que passamos a explicitar:

- o japonês não admite sequências de duas consoantes: quando confrontado com uma sequência de duas consoantes (p. ex., ao importar de uma outra língua uma palavra com essa estrutura fonológica), o japonês “resolve” essa impossibilidade da sua gramática através da introdução, entre as duas consoantes, de uma vogal – tipicamente um /U/; é o que *free* > [fUrii], *spray* > [sUpUree] e *speed* > [sUpiidO], segundo os exemplos de Cohn (2001) transcritos em (2);
- da mesma forma, o japonês não admite palavras terminadas em consoante: ao ter de incorporar no seu léxico uma palavra que termina em consoante, o japonês “soluciona” de novo essa impossibilidade da sua gramática através da introdução, após a consoante final da palavra original, da mesma vogal /U/ (ou, nalguns casos, de /O/), para assim obedecer à restrição que obriga todas as palavras da língua a terem de acabar em vogal. É esta restrição que explica a formação de formas do japonês, ainda de acordo com os exemplos de (2), como [piikU] < *peak*, [sUtOriitO] < *street* e [sUpiidO] < *speed*;
- a vogal arredondada recuada (/U/, /O/) parece assim comportar-se como a vogal “automática” (epentética, neutra, não marcada e não especificada) do japonês: é aquela de que os falantes da língua se socorrem quando necessitam de uma vogal, e de apenas uma vogal sem obrigatoriedade de sustentar necessariamente oposições lexicais distintas, com a única função, fonética e fonológica, de desfazer uma irregularidade fonotática da língua.

Com esta análise deliberadamente muito sumária deste conjunto limitado de exemplos, retirados na íntegra do capítulo de Cohn (2001), pretendemos deixar minimamente demonstrada uma das principais razões pelas quais a fonologia se aproxima, em algumas abordagens, do estudo dos empréstimos lexicais – vistos como um campo de análise para a evidenciação de “forças fonológicas” estruturantes da organização formal das línguas (cf. novamente, entre outros, estudos como: Paradis & La Charité, 1997; 2008; 2011; Cohn, 2001; Peperkamp & Dupoux, 2003; Vendelin & Peperkamp, 2004; LaCharité & Paradis, 2005; Peperkamp, 2005; Calabrese & Wetzels, Eds., 2009; Kang, 2011). Não se esgotando o interesse linguístico dos empréstimos nesta linha de análise, é este, porém, o ângulo de entendimento de que partimos para o presente trabalho.

Na secção seguinte, e com base no enquadramento genericamente delineado nos parágrafos precedentes, tentaremos aplicar a um conjunto de empréstimos lexicais importados pelo cingalês do português no século XVI o tipo de análise brevemente explicado e exemplificado na apresentação dos exemplos de (1) e (2)³. Ensairemos, desse modo, uma análise focada na busca de regularidades fonológicas explicitáveis a partir da observação de *corpora* em duas línguas, língua de partida (português quinhentista) e língua de chegada (cingalês quinhentista), procurando demonstrar o alcance deste tipo de abordagem quer para a caracterização fonológica dessas línguas, quer para a recolha de indícios relativos ao seu percurso diacrónico.

3. Empréstimos lexicais do português para o cingalês

Nesta secção, será então efetuada uma comparação fonológica semelhante à que foi esboçada na explicação dos exemplos de (1) e (2) supra, tomando-se agora em consideração uma série de dados do cingalês encontrados na obra de Disanayaka (2012). Mais concretamente, olharemos às listas de palavras que esta obra de descrição da língua apresenta como herdadas do português na sequência dos contactos entre portugueses e cingaleses havidos no século XVI.

O cingalês é uma língua indo-europeia do ramo indo-ariano, aparentada com o tâmil falado no Sul da Índia. É hoje a principal língua do Sri Lanka, onde detém o estatuto de língua oficial nacional e é falada por um número de

³ Tentar-se-á assim compatibilizar o tema central do congresso com o tipo de abordagens que constitui o trabalho de investigação em linguística descritiva, com a ressalva de que a motivação fulcral do encontro científico a que é apresentado o presente trabalho não reside propriamente na discussão aprofundada de modelos ou teorias linguísticas (o que justifica, antes de qualquer outra razão, o carácter introdutório e demonstrativo de certas partes do presente texto).

peessoas que, segundo as fontes consultadas, supera os 14.000.000 de falantes (cf., p. ex., Disanayaka, 2012, p. 1, 12-13)⁴.

Dado serem faladas num ponto de contacto e de passagem muito importante para navegadores europeus a partir do século XVI, as línguas do moderno Sri Lanka incorporaram nos seus léxicos muitas palavras de línguas trazidas da Europa, como o português, o inglês e o holandês. O cingalês é, a este respeito, um exemplo que perdura até aos nossos dias.

Ao léxico de origem portuguesa incorporado no “cingalês pré-moderno”, na divisão periodológica de Disanayaka (2012), o autor dedica várias secções específicas do seu livro, nas quais são reunidos exemplos em quantidade elucidativa:

- capítulo 19.3 (Disanayaka, 2012, pp. 520-521), reservado aos antropónimos de origem portuguesa: David /davit/, José /juze/, Pedro /pítara/, Paulo /paulu/⁵; Ana, Maria; Afonso, Cabral, Almeida, Alves, Correia, Salgado, Ribeiro, etc.;
- capítulo 19.6 (Disanayaka, 2012, pp. 526-527), reservado a outras palavras, de que se destacam os nomes comuns, semanticamente distribuídos pelos domínios da agricultura (“*pepino*”, “*trigo*”), da culinária (“*vinagre*”, “*temperar*”), da vida doméstica, da divisão do tempo, da religião e das profissões;
- capítulo 22.14 (Disanayaka, 2012, pp. 648-649), reservado ao léxico específico dos objetos domésticos relacionados com a costura, o mobiliário, etc.⁶.

Em (3), reunimos alguns exemplos de algumas importações lexicais do português ainda hoje correntes em cingalês, extraídos da obra de Disanayaka (2012).

⁴ Mais informações ainda no sítio *The Ethnologue*: <https://www.ethnologue.com/language/sin> (acedido em 07.10.2016).

⁵ Ao longo de todo o texto, todas as transcrições fonéticas e fonológicas do cingalês seguirão fielmente as formas apresentadas por Disanayaka (2012).

⁶ Refira-se ainda, neste momento, que, sempre de acordo com a mesma fonte, a palavra que designa a sífilis – doença supostamente introduzida em Ceilão pelos portugueses – e o povo português é a mesma: “*paraNgi*”. E que ainda hoje é corrente um provérbio em cingalês – [paraNgiya: ko:tâtê giya vage:] – que, traduzido à letra, significa “como os portugueses foram até Kotte”. De acordo com o autor, trata-se de um idiomatismo que serve para referir, em tom humorístico, a situação de alguém que, quando tem de ir de um lugar a outro, escolhe por ignorância o caminho mais longo, mais acidentado, mais sinuoso e mais ilógico. Cf. Disanayaka (2012, p. 526).

(3)– Exemplos de empréstimos lexicais do português para o cingalês, originados pelo contacto de línguas no séc. XVI (adaptado de Disanayaka, 2012)

Palavra original do português	Forma fonética adotada em cingalês (transcrição apresentada por Disanayaka, 2012) (*)
<i>cravo</i>	[kara:bu] (p. 527)
<i>lacre</i>	[la:kiri] (p. 527)
<i>milagre</i>	[mila:giri] (p. 527)
<i>trigo</i>	[tiri^gu] (p. 527)
<i>figado</i>	[pi:kudu] (p. 516)
<i>farelo</i>	[paralu] (p. 516)
<i>funil</i>	[pune:la] (p. 516)

(*) Obs.: Entre parênteses, a seguir a cada transcrição fonética, indica-se a página de Disanayaka (2012) de que é retirado cada exemplo.

De acordo com os propósitos centrais deste trabalho anteriormente explicitados, os exemplos que acabamos de reunir revestem-se, neste estudo, de uma utilidade de estudo muito específica: a exemplificação do interesse fonológico dos empréstimos lexicais.

Com base no tipo de análise fonológica sumariamente exemplificado na secção anterior, procuraremos ilustrar, de seguida, de que forma dados como os reunidos em (3), potenciados pelo estatuto do português *como língua de exportação lexical*, se prestam também ao mesmo tipo de abordagem.

Deter-nos-emos, de início, nos casos de palavras que, em português, apresentam ataques ramificados C_1C_2 em que C_1 é uma obstruente oclusiva e C_2 uma vibrante simples, conforme os dados de (4), extraídos de Disanayaka (2012, p. 527)⁷.

⁷ Disanayaka (2012, p. 527) inclui ainda, na sua lista de importações lexicais do português, os casos de [gudiri] e [muddara] como provenientes, respetivamente, dos étimos portugueses “godrim” (= “colchão”) e “mutra” (= “selo”). Não os incluímos no quadro (4) em virtude das dúvidas etimológicas que estas palavras podem suscitar: de acordo com o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Machado (1977), a importação lexical, no caso destas duas palavras, teria percorrido um caminho diferente do sugerido por Disanayaka (2012). Segundo Machado (1977), ambas as palavras entraram no português quinhentista e seiscentista como importações de línguas aparentadas ou próximas do cingalês: “godrim” teria sido importando para o português a partir do concani “gudri” (Machado, 1977, III, p. 160); “mutra” teria tido a sua origem no

(4) – Empréstimos lexicais do português para o cingalês quinhentistas em que o *input* português contém um ataque ramificado {C₁C₂: C₁ = obstruente oclusiva; C₂ = vibrante simples} (dados de Disanayaka, 2012, p. 527)

Palavra original do português	Forma fonética adotada em cingalês (transcrição apresentada por Disanayaka, 2012, p. 527)
<i>cravo</i>	[kara:bu]
<i>cruz</i>	[kuruse]
<i>lacre</i>	[la:kiri]
<i>padre</i>	[pa:diri]
<i>pedra</i>	[pe:duru]
<i>pedreiro</i>	[pedare:ru]
<i>vidro</i>	[vi:duru]
<i>grade</i>	[gara:di]
<i>grosso</i>	[goro:su]
<i>milagre</i>	[mila:giri]
<i>vinagre</i>	[vina:kiri]
<i>amostra</i>	[mo:stara]
<i>contra</i>	[ko:ntare]
<i>listra</i>	[li:stara]
<i>mestre</i>	[me:stiri]
<i>trigo</i>	[tiri^gu]

Sabemos, pela descrição fonológica do cingalês apresentada noutros pontos do livro de Disanayaka (2012), que esta língua sofreu historicamente um processo muito sistemático e produtivo de redução de grupos consonânticos (Disanayaka, 2012, pp. 488-489). Em várias épocas históricas, esta simplificação manifestou-se sob diversas modalidades e perante diversos subconjuntos lexicais.

Uma observação do minicorpus apresentado em (4), com base em Disanayaka (2012, p. 527), mostra justamente que todas as palavras importadas do português pelo cingalês podem servir de ilustração a essa restrição importante da fonologia desta língua.

sânsrito “*mudrā*” (Machado, 1977, IV, p. 187). Não cabendo aqui um aprofundamento histórico rigoroso desta questão, não voltaremos, no texto, a estes interessantes exemplos.

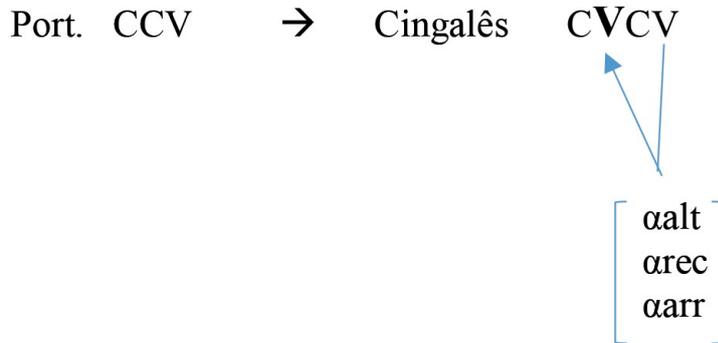
Com efeito, todas as palavras do português importadas pelo cingalês que, na forma portuguesa original, contêm um ataque ramificado de tipo {Oclusiva ∅ Vibrante_Simples} foram sujeitas a um processo de nativização que teve como objetivo e como resultado a eliminação de tais estruturas silábicas nas formas lexicalizadas em cingalês. O processo comum a todos os casos de regularização testemunhados inclui a inserção de uma vogal epentética que desfaz o encontro consonântico (tal como verificado para os exemplos do japonês apresentados em (2)), e é a aplicação desta regra que explica adaptações como *padre* > [pa:diri] e *pedreiro* > [pedare:ru] incluídas em (4). A análise fonológica das adaptações apresentadas por Disanayaka (2012) ((4)) sugere ainda que esta epêntese:

- i) evita a formação de palavras terminadas em consoante (como sugerido pela nativização de *cruz* em [kurus], p. ex.)⁸;
- ii) não seleciona uma vogal neutra epentética única, ao contrário do que sucede com o japonês [U]/[O] (vd. novamente os exemplos de (2)) (ou diversamente do que ocorre com o português europeu [i] (Veloso, 2010) ou com o árabe tunisino [i] (Angoujard, 2006, p. 83)). Antes, o que a um fonólogo emerge de forma bastante evidente é a sistematicidade de um fenómeno de **harmonização vocálica** regressiva que faz com que a vogal epentética, não especificada quanto aos traços de altura, recuo e arredondamento, absorva estes mesmos traços da vogal da sílaba seguinte, conforme se propõe em (5) a partir de exemplos como os seguintes:

cravo > [kara:bu]
cruz > [kurus]
lacre > [la:kiri]
vidro > [vi:duru]
amostra > [mo:stara]
mestre > [me:stiri]
trigo > [tiri^gu]

⁸ Exemplos não considerados neste texto mas contidos no livro de Disanayaka (2012) sugerem que, em certos casos, o cingalês admitirá palavras terminadas em consoante na condição de esta ser uma soante vibrante. (Abstemo-nos aqui de discutir desenvolvidamente a possibilidade de as líquidas serem categorizadas noutras classes fonéticas, como sucede, de resto, na tradição gramaticográfica hindu, a que as descrições linguísticas do cingalês não serão certamente estranhas. De acordo com alguns autores filiados nessa tradição, estes contoides, por poderem ocupar núcleo silábico, são frequentemente classificados como “vogais” – cf., p. ex., Peetham (S.d.), p. 10.)

(5) Harmonização vocálica nos processos de epêntese (por espriamento regressivo dos traços de altura, recuo e arredondamento) nos empréstimos lexicais português → cingalês



Aceitando esta proposta como válida, a observação destes processos de nativização fonológica permite-nos ainda extrair algumas informações importantes acerca da configuração fonológica das duas línguas em questão na época histórica em que se produziram as importações lexicais analisadas.

Sublinhamos aqui como as mais importantes as seguintes:

1. A redução das vogais recuadas átonas já estaria completada no português quinhentista, pelo menos em final absoluto de palavra, tal como confirmado pela presença de [u] átono ora em posição esquelética, ora em posição epentética: *vidro* > [vi:duru]; *trigo* > [tiri^gu].
2. A realização fonética da vogal átona final das palavras hoje enquadráveis nos “nomes de tema em /E/” (de acordo com descrições morfológicas do português como as de Camara Jr., 1988; 1989) corresponderia ainda, no português quinhentista, à vogal [i] (tal como hoje mantida na maior parte das variedades não europeias da língua e em alguns registos nos dialetos meridionais do português europeu contemporâneo). Atesta-o, nesta interpretação, a vogal encontrada na forma cingalesa (quer, novamente, na posição herdada do étimo português, quer na posição de epêntese em cingalês motivada pela nativização fonológica). Vd. os exemplos seguintes: *lacre* > [la:kiri]; *padre* > [pa:diri]; *grade* > [gara:di]; *milagre* > [mila:giri]; *vinagre* > [vina:kiri]; *mestre* > [me:stiri].
3. O acento e a quantidade vocálica parecem estar estreitamente associados em cingalês: nas transcrições fonéticas do cingalês, Disanayaka (2012) não se serve de nenhum diacrítico específico para assinalar a proeminência prosódica dentro de palavra; todavia, estabelece explicitamente uma

correspondência muito regular entre sílabas tónicas originais do português e sílabas com vogais longas em cingalês. Ex^{os}, retirados de (4): *crauo* > [kara:bu]; *grosso* > [goro:su]; *listra* > [li:stara]; *mestre* > [me:stiri].

A análise de outros exemplos levar-nos-ia ainda a outras conclusões, como, p. ex., a de que o cingalês quinhentista não disporia de uma fricativa labiodental surda, sistematicamente substituída pela consoante que, no inventário segmental da língua importadora, mantém os seus mesmos traços de ponto de articulação ([LABIAL]) e vozeamento ([-voz]): [p]. É esta restrição fonológica que explica que os empréstimos do português que continham um [f] etimológico tenham sofrido sistematicamente uma adaptação que substituiu tal fricativa por [p]: *alfinete* > [alpenetta] ; *fita* > [pi:tta] ; *forno* > [pora:nu] ; *garfo* > [gœ:reppu] (Disanayaka, 2012, p. 516)⁹.

4. Observações finais

O objetivo principal deste trabalho, conforme dissemos, consistiu em exemplificar uma parte do interesse dos empréstimos lexicais para a fonologia, mais concretamente a forma como a observação dos processos de nativização fonológica nos permite extrair informação minimamente consistente e fiável acerca dos principais mecanismos fonológicos de cada língua a partir da identificação das propriedades fonológicas impostas por este módulo específico da gramática no momento em que no léxico da língua de chegada dão entrada palavras importadas de outras línguas.

Para esse fim, e a título mormente exemplificativo, servimo-nos de um *corpus* muito restrito de palavras importadas do português para o cingalês no século XVI. A partir de um pequeno exercício de análise linguística, tentou-se ainda reconstituir alguns aspetos da fonologia do português e do cingalês à época em que se consumou a migração de palavras de uma língua para a outra.

Recuperando neste momento o contexto em que esta comunicação foi originalmente apresentada, destacaremos que este exercício pretendeu ainda

⁹ Conforme explicitamente reconhecido por Disanayaka (2012) na citação que de seguida transcrevemos, o fonema /f/ do cingalês moderno que se encontra nos empréstimos recentes do inglês teria resultado precisamente do contacto primitivo do cingalês com a fricativa labiodental surda do português (não conservada, porém, nos empréstimos importados desta língua), o que nos levaria a aceitar ainda um caso de importação fonémica que não será aqui discutido:

“Classical Sinhala had an alphabet of 58 letters [...]. Pre-Modern Sinhala had to add one more letter to accommodate a sound that was found in English loans. This sound is [f] [...]. However, it was not the English who introduced the sound [f] to Sinhala. It happened when it came into contact with the Portuguese who introduced many words with this sound. Since the Sinhalese had no precise letter to represent this new sound, they used [...] [p] that came closest to it.” (Disanayaka, 2012, p. 516)

complementar outras perspectivas que têm lugar neste mesmo volume, numa tentativa de inseri-la no espírito pluridisciplinar que o orienta. Navegar pelos mares do português – mote central do evento e da publicação em que nasceu este estudo – é, certamente, uma navegação no tempo e no espaço, é uma navegação por um universo de culturas que se enriqueceram mutuamente, mas pode ser também uma forma de navegarmos pelo mundo sempre cheio de continentes a descobrir que é o mundo das estruturas linguísticas e gramaticais.

Referências bibliográficas

- Angoujard, J.-P. (2006). *Phonologie déclarative*. Paris: CNRS.
- Archangeli, D. (1997). Optimality Theory: An Introduction to Linguistics in the 1990s. In D. Archangeli, & D. Terence Langendoen (Eds.), *Optimality Theory. An Overview* (pp. 1-32). Cambridge, Massachusetts: Blackwell.
- Calabrese, A., & Wetzels, W. L. (2009). Loan Phonology. Issues and Controversies. In A. Calabrese, & W. L. Wetzels (Eds.), *Loan phonology* (pp. 1-10). Amsterdam: John Benjamins. doi 10.1075/cilt.307.01cal.
- Calabrese, A., & Wetzels, W. L. (Eds.). (2009). *Loan Phonology*. Amsterdam: John Benjamins.
- Camara Jr., J. M. (1988). *Problemas de Lingüística Descritiva* (13.^a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Camara Jr., J. M. (1989). *Estrutura da Língua Portuguesa* (19.^a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Cohn, A. (2001). Phonology. In M. Aronoff, & M. J. Rees (Eds.), *The Handbook of Linguistics* (pp. 180-212). Oxford, England: Blackwell.
- Correia, M., & Lemos, L. S. P. (2005). *Inovação Lexical em Português*. Lisboa: Colibri.
- Costa, J. (2001). *Gramática, Conflitos e Violações. Introdução à Teoria da Optimidade*. Lisboa: Caminho.
- Disanayaka, J. B. (2012). *Encyclopedia of Sinhala Language and Culture*. Colombo, Sri Lanka: Sumitha.
- Haspelmath, M. (2009). Lexical borrowing: Concepts and issues. In M. Haspelmath, & U. Tadmor (Eds.), *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook* (pp. 35-54). Berlin: De Gruyter Mouton.
- Kang, Y. (2011). Loanword Phonology. In M. Van Oostendorp et al. (Eds.), *The Blackwell Companion to Phonology* (Vol. IV, pp. 2258-2282). Oxford: Wiley-Blackwell.

- LaCharité, D., & Paradis, C. (2005). Category Preservation and Proximity versus Phonetic Approximation in Loanword Adaptation. *Linguistic Inquiry*, 36(2), 223-258. doi 10.1162/0024389053710666.
- Machado, J. P. (1977). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols. Lisboa: Livros Horizonte.
- Paradis, C., & LaCharité, D. (1997). Preservation and Minimality in Loanword Adaptation. *Journal of Linguistics*, 33(2), 379-430.
- Paradis, C., & LaCharité, D. (2008). Apparent Phonetic Approximation: English Loanwords in Old Quebec French. *Journal of Linguistics*, 44(1), 87-128. doi 10.1017/S0022226707004963.
- Paradis, C., & LaCharité, D. (2011). Loanword Adaptation: From Lessons Learned to Findings. In J. Goldsmith et al. (Eds.). *The Handbook of Phonological Theory*. 2nd ed. (pp. 751-778). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Peetham, S. R. [atribuído] (S.d.). *Learn to Read Sanskrit. A beginners resource to reading Sanskrit*. Rush, NY. Acedido a partir de <<http://www.devipaduka.com/formsandpublications/Sanskrit--Module-01-V10-final.pdf>>.
- Peperkamp, S. (2005). A Psycholinguistic Theory of Loanword Adaptations. *Proceedings of the 30th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 341-352.
- Peperkamp, S., & Dupoux, E. (2003). Reinterpreting Loanword Adaptations: The Role of Perception. *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences*, 367-370.
- Prince, A., & Smolensky, P. (2004). *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Oxford, England: Blackwell.
- Veloso, J. (2010). Central, epenthetic, unmarked vowels and schwas: A brief outline of some essential differences. *Linguística*, 5(1), 193-213.
- Vendelin, I., & Peperkamp, S. (2004). Evidence for Phonetic Adaptation of Loanwords: An Experimental Study. *Actes des Journées d'Etudes Linguistiques de l'Université de Nantes*, 129-131.